

Seminário de História Religiosa Moderna  
2ª Sessão – 26 de Abril de 2011 – 17.00h

1. **Comunicação: - Métodos de abordagem e historiografia da santidade** por Maria de Lurdes Rosa – Universidade Nova de Lisboa e CEHR.
2. **Presenças:** 23
3. **Introdução:** José Pedro Paiva saudou os presentes e fez a apresentação da palestrante que orientou a reflexão do seminário. Estabelecendo articulações com o que na primeira sessão já referira, acentuou a necessidade de dar particular atenção às questões metodológicas e ao conhecimento da produção historiográfica como requisitos indispensáveis para o desenvolvimento dos estudos sobre a santidade. A professora convidada, Maria de Lurdes Rosa, foi apresentada como a pessoa indicada para nos falar quer de metodologia quer da forma como nas suas incursões de estudo sobre a matéria se tem pautado e entregue com rigor metodológico reconhecido pela comunidade científica. A sua presença, assim foi entendimento da organização, muito ajudaria ao grupo participante do seminário na introdução às novas exigências que apontam para uma hagiografia científica a cultivar nas áreas que se prendam com as questões da santidade.
4. **Texto da comunicação:** A ser publicados no *site* habitual.
5. **Intervenções livres:** Depois da exposição de Lurdes Rosa, houve intervenções de Ângela Barreto Xavier, Ana Ruas Alves, António Ribeiro, Paola Nestola, Sara Seia, Elisabeth Évora Nunes, Hugo Silva e David Sampaio Barbosa. O debate serviu para sugerir clarificações, propor pistas de indagação alternativas e suscitar algumas dúvidas. Principiou-se por ponderar até que ponto, sobretudo na decorrência das perspectivas trazidas pelo designado “archival turn”, uma nova forma de encarar o arquivo, a que Lurdes Rosa depois apelidou “revolução copernicana da História”, não tem profundas implicações epistemológicas, na medida em que se reconhece que os arquivos e a sua organização, de um certo ponto de vista “constroem” e “inventam” a História. Solicitaram-se esclarecimentos sobre qual a melhor forma de articular equilibradamente um corpo documental construído para um determinado escopo, por exemplo, um processo de beatificação/canonização e a totalidade do fundo documental que possibilitou essa informação e até certeza dum recta via de investigação. Admitiu-se ser questionável a forma como alguns arquivos estão a ser consultados na mira de se inquirir a verdade histórica sobre os candidatos à beatificação/ canonização, ou outras finalidades. Possivelmente, num futuro que ainda parece longínquo, outras vias poder-se-ão ensaiar se estivermos perante arquivos devidamente tratados e organizados; essas realidades, de momento virtuais, obrigarão os grupos dessa área de trabalho, com missão canónica, a efectuar pesquisa com outros critérios e com outras metodologias. Pretendeu-se saber da existência ou não de relatos de casos de estigmatização em Portugal anteriores ao célebre episódio tardo Quinhentista de Maria da Visitação e se, em fontes preservadas fora da Torre do Tombo, há notícia de relatos de indivíduos carismáticos. Questão recorrente se colocou sobre a geografia da santidade, tendo em linha de conta a comparabilidade entre a Europa e os novos territórios que resultaram da conquista ou da descoberta. Imensos factores intervieram nessa diferenciação; a componente política, o etnocentrismo do europeu branco e a filiação em influentes ordens e congregações religiosas muito contou para apressar processos de reconhecimento de cristãos modelares guindados à santidade da Igreja institucional. Outro vector em análise foi o da dimensão temporal na constituição dos

processos de santidade, isto é, até que ponto temporalidades distintas não podem alterar os sentidos de processos que por vezes são muito duradouros. Até que ponto um estudo mais centrado sobre o arquivo não altera a imagem que se obtêm do fenómeno da santidade foi outra das perguntas a que se submeteu a apreciação de Lurdes Rosa. Deram-se ainda informações sobre alguns centros de estudos canadianos que promovem a investigação da história da santidade e terminou-se com uma instigante questão: Quem procede/promove os processos de beatificação/canonização contribui para a “arrumação/organização” dos arquivos ou, ao invés, para a sua “desarrumação/desorganização”?